

A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — Affonso Vargas

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 3000 réis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros..... 12000 Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros..... 12000 Numero avulso..... 3000	N.º 42	Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

VISITAS Á EXPOSIÇÃO

III

(Conclusão)

Está a fechar o certamen da Avenida, e nós resolvemos fechar tambem com este os nossos artigos sobre o assumpto. Propriamente quanto ás conclusões varias que d'esse facto ha a inferir, e quanto ao valor real de muitas das industrias que ali admirámos, não queremos de modo algum dizer que tenhamos concluido, e se esta revista lograr ir singrando os revoltos mares da publicidade, teremos ensejo de comprovar o que dizemos; mas ficar aqui eterna-mente a discutir acontecimentos que passaram não é proveitoso nem pratico. Sobretudo não é pratico.

Assim, passaremos de corrida ao longo das galerias, e citaremos apenas um ou outro artefacto, não por menos consideração para com os expositores, mas para não nos alongarmos demasiado.

Para começar registámos a exposição Bordallo, da fabrica de louça das Caldas. Com a fórma de um forninho, ornada de cobrejos, lenços de Alcobaca, pratos enormes e peças de especialidade, verdadeiras obras primas algumas d'ellas, esta installação faz honra ao privilegiado e glorioso artista que a realisoou, e merece as admirações que desde o principio a saudaram sempre.

É possível, como affirmam alguns espiritos praticos, que essa tentativa de Bordallo seja em pura perda do dinheiro n'ella empregado, e que financeira e commercialmente a nobilissima, civilisadora e patriótica obra do grande artista não mereça os sacrificios que tem custado; não queremos crel-o, mas tudo póde succeder n'este bemdito mundo sublnar em que vivemos — e sobretudo n'este curioso e original paiz em que vegetámos — outros diriam apodrecemos.

Mas quando alguns contos de réis se houvessem perdido — que, porfiámos em dizer não se perderão — elles não teriam feito mais do que pagar os prodigios de arte, de talento, de energia e de verdadeiro sentimento nacional que a resurreição d'essa velha industria das Caldas representa por parte de Bordallo.

Alguns dos deliciosos e perfeitos objectos, que elle e os artistas que tem educado conseguiram arrancar a um simples bocado de barro grosseiro e inerte, mostram de que seriam e de que serão capazes os ele-

mentos esparsos e apathicos que constituem ainda hoje esta velha patria portugueza, tão abatida e tão descrente, — sempre que um grande ideal, que é o que lhe falta, conseguir aquecer-lhe o sangue, ainda que seja momentaneamente.

E o que dizemos da fabrica das Caldas podemos dizel-o ainda de outras muitas, sem sacrificar a verdade. Logo a seguir áquella, temos, por exemplo, a da Marinha Grande com os seus vidros, onde ha peças perfeitas na especialidade, tão boas como as que se fabricam no estrangeiro, e onde outras, para o serem, apenas precisariam ser mais delicadas, mais leves, exemplo os calices para Champagne, cujos pés, evidentemente pesados e desgraciosos, estão a pedir a perfeição.

A collecção dos artigos da fabrica de louca da Vista Alegre tambem não póde passar despercebida, e as suas porcelanas, já conhecidas no paiz, mereciam em verdade ter muito mais procura do que aquella que têm.

Esta importante fabrica, que nos dizem occupar 300 operarios, ganhando em media 500 a 600 réis, sustenta uma escola e um monte pio, e se bem nos lembra, concorre para o sustento dos operarios que se inhabilitam.

Ainda n'esta mesma galeria (Guilherme Stephens) vimos com prazer a curiosa tableta de letras, provando a habilidade incontestavel do seu expositor o sr. Santos, e os hydrometros de pressão, osapparelhos sanitarios, contadores e outros artigos de invenção do sr. Pinto Bastos indicam tambem ser elle um espirito investigador e com conhecimentos solidos e scientificos da sua especialidade.

Em trabalhos de serralheria vimos cofres fortes, fogões de fogo circular, manometros, etc. de mais de um expositor, a attestarem-nos que é esta uma das industrias que mais vantajosamente podem soffrer confronto com os artigos similares estrangeiros.

Nos tecidos admirámos a perfeição relativa e em alguns absoluta de muitas fabricas, e entre outras lembram-nos as de Arrentella, Campos Mello e Ramires, cujas sedas nos trouxeram á memoria os bons tempos aureos em que era essa uma das primeiras industrias do paiz, que nós deixámos arruinar depois de previamente havermos dado cabo da cultura do bicho de seda, — tudo para maior gloria e lustre dos estadistas patrios...

E como estavamos em maré de evocações, as flores expostas pela sr.^a D. Beatriz de Almeida Reis, e das quaes é de uma perfeição desesperadora o melado de uma camélia, uma rosa chá, começando a murchar, um cravo, etc., fizeram lembrar-nos o nome do nosso grande — grande a valer — Constantino, que Paris tanto admirou e a quem Sua Graciosa Majestade a Rainha de Inglaterra fez a honra de partir a haste de uma rosa (parece-nos) para verificar — a malevola soberana! — se porventura era artificial. . .

Poderíamos ter creado essa industria no paiz com um professor da excepcional competencia do nosso celebre compatriota, mas quem é que nas altas regiões onde pairam os grandes homens attentava então, ou attenta ainda hoje ás vezes, n'essas minusculas cousas?

Entre fazer flores, que davam á soberana do paiz onde apparecem as mais bellas, a illusão de serem tão perfectas, embora artificiaes, que lhe despertaram a desconfiança de á mistura poder haver n'ellas algumas que o não fossem, e fazer, por exemplo, uma eleição bem feita, os nossos governantes preferiram sempre — é claro — o que fazia eleições. . .

Mas prosigamos. D'esta mesma expositora ha tambem algumas fructas notaveis, e umas castanhas assadas que dão a illusão da realidade.

Temos ainda a citar a sirgueria Bello, que apresenta specimens cremos que d'primeira ordem, em toda a parte, as fabricas de papeis pintados nacionaes, Rocha e Callado, todos os artigos da Empreza Industrial Portugueza, os artigos de correio, os productos das fabricas de lencaria e de algodões, e ainda os artefactos singulares de um ou outro expositor ou pequeno industrial.

E finalmente não devemos esquecer uma primorosa bengala em embutidos, feita pelo sr. Francisco Silverio, cuja perfeição e habilidade este simples artigo basta a attestar, embora a sua qualidade de *chinezise* nos obrigue com toda a sinceridade a lamentar que um tão competente artista consumisse o seu tempo, o seu dinheiro, e a sua incontestavel pericia na execução de uma curiosidade sem applicação, pois que ninguem se lembrará, quanto a nós, de comprar para seu uso um *bibelot* d'esta ordem, que só como tal se admira e aceita, isto quando em verdade tanta cousa realmente bella e util poderia ter feito com vantagem sua e alheia.

Que o distincto marceneiro nol-o releve, mas tive-mos dó de tanta habilidade tão pouco praticamente encaminhada, que mais nos pareceu ser a sua bengala antes obra de um poeta sonhador e utopista, que de um homem educado no conflicto da vida e duramente sabendo o que ella custa. Mas emfim se o sr. Francisco Silverio, na sua qualidade de poeta, quiz dar forma ao seu sonho, está no seu direito — sómente ha de confessar que lhe deve ter elle saído — um pouquinho caro. . . Ao menos, a nós os que rimamos em linguagem, sempre nos ficam alguma cousa mais baratos, — os sonhos bem entendido.

É claro que muitas omissões ha n'esta resenha, e que mais artigos haveria a registrar, mas temos pressa de chegar ao fim, e leitores e expositores desculpa-

rão lacunas que não obedecem a outro proposito senão o não desejar fazer este artigo demasiado longo e o não perder a oportunidade.

E assim, que não nos referimos aos trabalhos dos estabelecimentos officiaes ou mantidos pelo estado, como o arsenal da marinha, a penitenciaria, a casa da moeda, o arsenal do exercito, a imprensa nacional, etc.; mas, dizendo que todos estes estabelecimentos se apresentam na altura devida, temos dito tudo. Apenas especialisaremos a Penitenciaria, para confessarmos com toda a sinceridade o nosso pasmo por alguns dos artefactos expostos, que ignoravamos fazerem-se tão bem ali, e o arsenal da marinha onde ao lado dos artigos da especialidade, roldanas, moldes, calames, etc., ha tambem peças de mobilia para camara de officiaes, de um acabamento impecavel.

E ao entrarmos n'esse pavilhão perguntavamos a nós proprios que vento de insanias ou de fatalidade soprou sobre este malaventurado paiz, que assim lhe estancou as fontes da sua actividade, da sua vida, da sua energia, emfim. Nós, um povo de marinheiros que entrando n'esse pequeno perimetro, palpitando ainda de tão nobres e de tão bellas recordações, quasi recomposmos a nossa heroica e aventureira vida sobre todos os oceanos, tão baixo caímos já, que mandámos construir aos estaleiros alheios as embarcações que os nossos filhos terão de tripular!

Ah! que é triste isto para quem sabe o que significa e o que tem determinado uma tal decadencia. Mas passemos adiante que se nos ouvem chamamos ignorantes e maldizentes, e atroam-nos os ouvidos com citações bombasticas dos pseudo-grandes homens que o paiz gerou, e que a multidão venera. . .

Quanto á imprensa nacional, ouvimos que lhe movem agora uma guerra de exterminio, esquecidos já dos beneficios que ella tem prestado á industria particular, e do que ella representa na historia das artes graphicas portuguezas.

Seria natural que pensassem em proporcionar-lhe os meios para a elevar á altura de primeiro estabelecimento no seu genero, constituindo-a um nucleo de artistas e de progressos de toda a ordem que d'ella irradiassem para os estabelecimentos de todo o paiz; mas pensar o contrario, sobre ser um facto que frisa pelo idiotismo, denota uma tal falta de senso artistico, e de senso commum que nem nos cansámos a pensar que isso seja serio. . .

De resto, quando se occupa o logar que a imprensa nacional occupa na exposição e fóra d'ella, pôde-se bem, apesar das deficiencias que n'ella se notem, e que nós não pretendemos negar, aguardar a justiça dos apreciadores imparciaes. . .

Tinhamos ainda muito mais a dizer, e nem sequer nos referimos á secção agricola da exposição, onde, a começar na soberba e admiravel figura, symbolisando a agricultura, que o cinzel de Simões de Almeida esculpiu n'um momento verdadeiramente inspirado, muito haveria que louvar e commentar, mas precisamos concluir alguma cousa do que vimos, e ainda temos que nos referir á secção de bellas artes.

N'esta secção diremos que é assombroso de expressão e de *humanidade* o busto do patrão Joaquim

Lopes por Moreira Rato, que são realmente muito apreciáveis diversos quadros expostos, assignados alguns por mestres como Silva Porto, e por pintores de incontestavel talento, como Columbano, Carlos Reis, Malhoa, Vaz, Salgado e outros, e até por amadores distinctos como a Princeza Amelia, D. Fanny Munró e outros.

Na sua maioria, porém, estes quadros são já conhecidos do publico, e sobre alguns até a critica se pronunciou, pelo que nada temos a dizer, para não perpetrarmos um pleonasmio.

Em photographia citaremos os magníficos e inexcitáveis specimens de Camacho, dos quaes bastariam dois para fazerem a reputação de um photographo, e temos assim completado a nossa missão n'este ponto.

Resta-nos ainda fallar da secção de minas, tão duplamente interessante pelo que apresenta e pelo que significa, e que na sua disposição tão scientifica e ao mesmo tempo tão methodica, tão clara e tão perceptiva, é um testemunho da competencia, da seriedade e da elevação d'aquelles que a organisaram.

N'este annexo vimos nós uns bellos e inestimáveis exemplares de marmores e alabastros de Santo Adrião, concelho de Miranda do Douro, que denotam acaso uma riqueza a explorar verdadeiramente extraordinaria e, — vejamos a ingenuidade — quasi se nos marejaram os olhos ao pensar que tantos filões como esse jazem desprezados, incultos, perdidos para o trabalho, para a exploração e para a actividade, pelas peias de toda a ordem e pelas deficiencias de diversos generos que entre nós embarçam e inutilisam a acção intelligente e investigadora de um ou outro trabalhador dedicado...

* * *

Terminando por agora, pois que as nossas conclusões do que representou a exposição e do ensinamento de diversas categorias que d'ella se deve extrahir, ficarão para um outro artigo de critica geral e de ordem puramente generica: as nossas impressões geraes nas visitas que fizemos á exposição formaram-se com sub-impressões especiaes de toda a especie: — desanimadoras, alegres, de indignação, de pesar, de riso, comicas ou até burlescas, pois que n'ella vimos de tudo, desde o que nos fez tirar o chapéu, alvoroçados e crentes, admirando sinceramente e religiosamente algumas das verdadeiras forças vivas d'este apesar de tudo extraordinario paiz, até ao que nos provocou um sentimento de tão fundo amargor ou de tão invencível desconsolo, que a nós proprios perguntavamos se acaso eramos victimas de um pesadello ou se estavamos realmente em corpo e alma presencendo as manifestações do trabalho portuguez nos ultimos vinte annos da sua elaboração.

Continuámos, porém, a suppor que o mostruario da Avenida é altamente suggestivo e eloquente, e que para quem quizer ver bem, no que elle mostra e no que elle deixa de mostrar, ha muito para reflectir alem de muito para admirar, incitar, refundir e melhorar ou destruir...

E o tempo fallará por nós.

AFFONSO YARGAS.

A OITAVA EXPOSIÇÃO DE ARTE MODERNA

Pouco, mas bom.— Tal é a synthese das impressões que me causaram os trabalhos de arte moderna que constituem o pequeno *salon* de 1888-1889.

Quebrára-se a tradição da nossa pintura, tão intimamente ligada, outr'ora, á da Flandres. Havia-se organizado (é certo), depois da transformação politica de 1833, o ensino do desenho e da pintura; D. Fernando protegia os artistas; cobriam-se telas; havia exposições de vez em quando.

Mas os pintores não eram muitos, e, em geral, só chronologicamente pertenciam á epocha de Corot, Courbet, Millet, Troyon. Procuravam motivos na historia, na mythologia, nas tradições cristãs; em tudo menos na sua terra e no seu tempo, nas scenas commoventes da vida rustica, nos traços pittorescos de Entre-Douro-e-Minho, nas paisagens deliciosas do nosso Portugal.

Anunciação e Lupi foram os precusores do naturalismo na pintura, que Silva Porto definitivamente implantou entre nós.

A primeira exposição de quadros modernos effectuou-se em 1881. O facto foi tanto mais surpreendente, quanto os novos artistas vinham perfeitamente desarmados de protecção official. Nós, em regra, quando nos damos ao trabalho de reflectir um pouco sobre o que temos e o que nos falta, discursámos, escrevemos, nomeámos commissões, *representámos* ao governo, ou ás camaras. Já não é pouco! Trabalhar, modificar por iniciativa propria as condições da nossa existencia? Isso, nunca.

A partir de 1881, continuaram annualmente e sem interrupção as exposições de arte moderna, educativas sempre pela perfeição technica de muitos trabalhos, pelas impressões que despertam, pela iniciativa triumphante que representam.

A exposição actual começou no dia 14, e compõe-se de 71 quadros a oleo, 2 a pastel, e 4 esculpturas. Como nas antecedentes, não figuram n'ella quadros *historicos*, — no sentido academico da palavra, porque, em rigor, toda a obra-d'arte naturalista é um verdadeiro documento historico transmitido por uma epocha ao futuro. E realmente quadros d'essa especie tornariam inexactas as palavras — *Oitava exposição da arte moderna*, impressas no frontispicio do elegante *Catalogo illustrado*, que Alberto d'Oliveira publicou. Ao quadro historico falta sempre a condição fundamental da arte moderna, — o estudo directo da realidade, — porque a recomposição do passado só pôde fazer-se historicamente. O pintor apenas reproduz mascaradas ou scenas theatraes, organisadas no seu *atelier*. E por isso que, enquanto Silva Porto nos commove com *A salmeja no Lumiar*, com *Os bois*, com *A volta do mercado*, os quadros historicos, por mais habilmente feitos que sejam, nos deixam frios e indifferentes. Era com trabalhos que reproduzissem paisagens, typos e scenas actuaes do districto, que devia formar-se o museu da municipalidade de Lisboa. A camara prefere, no emtanto, encomendar quadros historicos... Mas, voltemos á exposição.

As obras mais notaveis são de Silva Porto, Sousa Pinto e Soares dos Reis.

Foi nos arredores de Lisboa que Silva Porto mais trabalhou este anno. A sua pintura é, como sempre, de uma verdade commovente, e denuncia a visão justa, a mestria de toque, e o profundo conhecimento da côr que tornam Silva Porto um dos paizagistas mais distinctos da actualidade. Os seus quadros são d'esta feita mais acabados. Veja-se por exemplo o *Caminho da seara* (56), a *Ponte velha* (58) a *Praia dos pescadores* (59). *A maneira do mestre*, — aquelle seu estylo ao mesmo tempo tão individual e tão maleavel, tão rigoroso, tão perfeito, — não foi contudo modificada, e não o será nunca: — a individualidade de Silva Porto está inalteravelmente fixada, sob todos os multiplos aspectos do artista. *Na volta do mercado* (63), — variante de um quadro de maior formato pintado ha quatro annos, — é mais uma d'essas triumphantes realisações naturalistas da poesia rude mas enternecedora da vida rural, que Silva Porto nos tem dado n'*Os bois*, n'*A salmeja*, n'*Os campinos*. . . Por um largo caminho batido de sol, aberto entre vallados, que algumas piteiras accentuam, voltam de uma feira duas saloias, cada uma com o seu burro. Nada mais simples, mais verdadeiro, mais característico. *A Estrada de Santo Eloy* (60), a *Volta para a arribana* (55), a *Praia dos pescadores* (59), são magistraes.

Sousa Pinto assigna dois quadros a pastel, correctissimamente desenhados, e d'uma poderosa factura naturalista. N'um d'elles (65), destaca-se com vigor na sua individualidade captivante de homem do mar um pescador da Povoia de Varzim, rudemente crestado do tempo. Em outro (66), avulta encantadoramente um delicioso typo de rapariga, colhido em Vallongo. Sousa Pinto é mais pintor de figura do que paizagista. Se quizer dedicar-se ao genero de Silva Porto, deve esquecer-se da paizagem franceza, que o nosso temperamento meridional não comprehende nem aprecia; estudar a serio a paizagem do Minho, — por exemplo; transportar para o quadro o que lá está e como lá está, abandonando o toque procurado e o ennoveau côr de rosa que dominam sempre as suas paizagens, tirando-lhes o vigor, a frescura, a particularisação de logar e tempo.

O retrato de Leandro Braga (74), reprodução galvanoplastica d'uma escultura de Soares dos Reis, é obra de mestre. Mas o trabalho do artista perde sempre que se industrialisa em processos mais ou menos fataes.

Hesitante na escolha do genero a que deva consagrar-se, Malhóia tem trabalhado em quasi todos. Emquanto a mim, devia preferir a paizagem, fugindo, porém, á tentação da côr brilhante, e do effeito vistoso, a que não sabe ás vezes resistir. O seu desenho e o seu modelado são hoje incomparavelmente mais perfectos, do que eram ha tres ou quatro annos, quando pintava, repetidamente, costumes do Minho. Provam-n'o *O colleccionador* (40), as figuras principaes na *Descripção da batalha d'Asseiceira* (38), e aquelle mimoso quadro d'*A noiva* (39), docemente coberto por uma velatura suave de poesia. Mas os seus trabalhos são em regra feitos demais, e n'este caso as figuras, immobilizadas n'uma perfeição academica, têm menos vida. Pelo seu incontestavel talento, Malhóia contrahiu para com todos nós serias responsabilidades, e não deve substituir por influen-

cias estranhas, oppostas á sua organização, a vigorosa individualidade que muitas das suas obras têm evidenciada¹.

Nas paizagens de Vaz quasi nunca faz sol: umas vezes porque foram colhidas em dias fôscos, ou á tardinha (e tanto d'esta como d'aquelles se enamora não raro o artista); outras, porque a sua paleta não é geralmente rica de tons luminosos. Se o fosse, teriamos n'*A saída da Missa* (68) um bom quadro. Apesar da falta de vivos contrastes de luz e sombra, o trabalho de Vaz é apreciavel. A architectura manuelina do portal foi rigorosamente estudada nos seus labores caracteristicos, e no tom enfarruscado e quente, semelhante ao de uma velha douradura, que o tempo lhe tem dado. Ha movimento no grupo das figuras. Outro quadro seu attractivo, tocado um pouco no estylo de Silva Porto e dominado pela nota mourisca da Torre das Cabaças, representa *Uma rua de Santarém* (72), que não é tão pittoresca e vistosa com a de Maestroit, elegantemente reproduzida, com o seu aspecto archaico, n'um quadrinho tentador de Salgado (53).

Este joven artista, que ha de ser um dos nossos primeiros pintores, mandou-nos tambem de França (para onde foi completar a sua educação) um typo campesino, colhido em pleno trabalho, n'um saolheiro trecho de paizagem bretã: — *A ceifeira de milho preto* (54). É uma figura largamente executada e que revela uma fina observação: — a attitude é natural, as mãos seguram, e o braço direito move-se.

As esculturas de T. Lopes são correctas e expressivas. Delicadamente cinzelado, o busto de creança (77), — indefinida e mysteriosa ainda, como um *botão de rosa*, que mal entreabre, — é um trabalho romantico, até no titulo, feito em horas de idealismo. . .

Os outros artistas², — poucos, porque fugiram Columbano, D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, Vieira, Carlos Reis, Villaça, — não conseguiram elevar-se á altura dos que ficam rapidamente apreciados. Não quer isto dizer que a exposição actual para todos fosse desastrosa. São trabalhos apreciaveis o môlho desmanchado, mimoso e recendente, de *Amores perfectos* (24), larga e delicadamente executado pela senhora D. Josepha Greno; a *Parreira do Estoril* (49) e os *Utensilios de cozinha*, de José Queiroz; e, sob o ponto de vista do desenho, os quadros de Condeixa, que evidentemente não tem na sua caixa de tintas o tubo da luz, e receia dar ao toque um vigoroso rasgo ativo, sentido, inspirado de verdade. Gyrão tem um quadro. . . — Perdão! tem uma moldura graciosa.

Se os artistas me permittem um conselho de amigo dedicado, que affectuosamente os vae seguindo na batalha da Arte, — dir-lhes-hei que fujam dos amadores (como lhes recommendou Monteiro Ramalho, ao fallar, n'*O Occidente*, da sexta ou da setima exposi-

¹ Os seus medalhões decorativos (n.ºs 43 e 44 do *Catalogo illustrado*) feitos por encomenda da camara municipal de Lisboa, não figuram, por emquanto, na Exposição.

² A senhora duquesa de Palmella e Antonio Ramalho ainda hontem, 22, não tinham na Exposição os seus trabalhos.

ção), do bonito, um pouco da abreviatura, e na paizagem, do acabamento feito no atelier.

Continuem a trabalhar sinceramente, não pensando no effeito que as suas obras porventura possam produzir, dado o gosto artistico,—ou anti-artístico,—da maioria dos seus conterraneos, e transportando honradamente para o quadro, através da mais delicada impressionabilidade, as formas e aspectos da natureza.

Dezembro, 23.

JOSÉ PESSANHA.

THEODORO GOEBEL

Apresentâmos hoje com sincera satisfação aos leitores da *Imprensa* o retrato do sr. Theodoro Goebel, um typographo eminente, e, ao mesmo passo, um escriptor profissional correcto e elegante.

Foi em Paris, por occasião da exposição universal de 1878, que primeiro conhecemos o sr. Theodoro Goebel, e desde então tratámos, e, felizmente, continuámos cultivando, para nós, gratissimas relações, tendo reconhecido praticamente n'este já largo periodo, ser de todo o ponto justificada a fama de que gosa na cultissima Alemanha o nome aureolado d'este verdadeiro artista de raça; e não só na Alemanha, em França, Inglaterra e outros paizes da Europa e America é acatada a competencia do sr. Goebel, e são conhecidos e mui apreciados os seus escriptos de todos os que por dever de profissão ou simples curiosidade se consagram ao estudo das artes graphicas.

Nasceu o sr. Theodoro Goebel, a 17 de março de 1829, em Gelenau, reino de Saxonia.

Habilitado com os conhecimentos indispensaveis, que adquirira na sua terra natal, e completára em Kamenitz, patria do poeta Lessing, começou a aprendizagem da arte em que devia tornar-se tão conspícuo, no anno de 1843, em Bautzen.

Completo o apprendizado com distincção, passou o sr. Goebel a Dresden, trabalhando como compositor cerca de quatorze mezes nas typographias de Blochmann & Filho, e na da corte, de Meinhold & Filho.

De 1850 até junho de 1852 exerceu a arte na officina de Köller, em Görlitz, na Silesia, fazendo então uma viagem de dezeseis semanas em todo o norte da Alemanha. Atravessando a Dinamarca, regressou, enfim, a Frankfort sobre o Meno, e foi admittido na typographia Osterrieth, a mais importante d'aquella antiga cidade, onde se conservou até o anno proximo.

Apoz larga digressão, que emprehendéra para satisfazer a sêde de estudar e aprender, que o dominava sempre, no Wurtemberg, em Bade e na Suissa allemã, entrou em Strasburgo no grande estabelecimento dos srs. Berger Levrault, onde pôde afirmar mais uma vez os seus creditos de artista instruido e habilissimo.

Em novembro de 1854 partiu para Paris, que, desde muito, desejava visitar, sendo admittido na casa do sr. Plon, como official de consciencia, e depois paginador. Ahi se conservou até 1857, anno em que seguiu para Londres, praticando algum tempo nas officinas dos srs. Bradbury & Evans e Edward Taylor. Antes de regressar á Alemanha atravessou a Escocia e o paiz de Galles, assim como uma grande parte da Inglaterra.

Em outubro de 1858 estava de volta em Leipzig, indo desempenhar as funcções de proto na typographia de Carl B. Louk, a famosa casa Denguelin.

Convidado com instancia a assumir a direcção da imprensa da *Gazeta*, de Riga, partiu para esta cidade da provincia baltica da Russia, em junho de 1859; ahi contrahiou os laços do matrimonio, conservando-se na mesma cidade e posição até 1871.

Volviendo á sua querida Alemanha, concebeu a idéa de estabelecer uma typographia, mas como lhe fosse offerecida a redacção do *Journal für Buchdruckerkunst*, accitou o difficil encargo, e assentou residencia em Coburgo. Perdêra aquella folha grande parte de sua merecida reputação. Conseguiu o sr. Goebel, a poder de zelo e esforços, reabilitá-la, visitando para esse effeito, e a suas expensas, todas as exposições onde julgava encontrar alguma cousa de novo ou de util.

Em 1879, desgostoso de uma concorrência desleal, e tendo de consagrar o melhor do seu tempo, que lhe não sobrava aliás, a obra de grande tomo, afastou-se da redacção da alludida folha, continuando entretanto, a collaborar assiduamente para os differentes jornaes graphicos da Alemanha, Austria, Suissa, Inglaterra, França e America do norte; ao mesmo tempo fazia interessantes leituras, e não menos substanciosas conferencias sobre diversos ramos das artes graphicas.

O superior talento e especial competencia do sr. Theodoro Goebel valeram-lhe a nomeação de vogal do jury em quatro exposições: na exposição grafica de Nuremberg, em 1877; na industrial das provincias rhenanas em Mannheim, 1880; na industrial e artistica do Wurtemberg em Stuttgart, 1881; e na da Suissa em Zurich, 1883.

Neste ultimo anno publicou o sr. Theodoro Goebel a sua obra intitulada *Friedrich Koenig und die erfindung der Schnellpresse* (Frederico Koenig e a invenção do prélo mechanico). D'este trabalho magnifico, que só por si faria a reputação de um escriptor, e de que o sr. Paulo Schmidt publicou uma excellente traducção em francez, já tratámos largamente no n.º 28 d'esta revista, e por isso nada nos occorre acrescentar ao que alli dissemos.

Conhecemos tambem do sr. Goebel um interessante estudo sobre a fabricacão das tintas de impressão em Alemanha, que se inscreve *Unsere Farbe, historische und technische betrachtet*, o qual honra sobre modo o espirito investigador e pratico do sr. Goebel, a quem tambem os srs. Jancek & Fr. Schneemann, os grandes fabricantes de tintas do Hannover, commetteram a coordenação e redacção do curiosissimo almanach publicado sob os seus auspícios (*Graphischer Abreiss-Kalender*).

Vem a pélo denunciar n'este logar um rasgo de primorosa cortezia do sr. Theodoro Goebel para com o nosso paiz, que o não deve esquecer. No volume d'aquelle almanach, correspondente a 1887, em a pagina destinada ao dia 29 de junho, encontra-se uma formosa quadra, allusiva a Guttenberg, do nosso grande lyrico João de Deus, impressa correctamente na propria lingua em que foi escripta!

Como testemunho de elevado apreço dos poderes publicos pelo seu livro sobre a invenção do prélo mechanico foi o sr. Theodoro Goebel condecorado com a ordem wurtemberguesa do rei Frederico.

A associação typographica lisbonense e artes correlativas, como dissemos em tempo, gloria-se de contar no seu gremio, desde 1883, como socio honorario, o sr. Theodoro Goebel, que sabemos tem na mais subida conta a distincção que justissimamente lhe foi conferida, como o tem evidenciado em constantes demonstrações de affectuoso reconhecimento, do que na respectiva bibliotheca e archivo se encontram preciosos documentos.

F. PEREIRA E SOUSA.

Não é a belleza que decide um homem a amar uma mulher, mas é o homem que sabe tornar bella a mulher que ama, fazendo apenas isto:—amando-a! O amor torna bello o objecto amado.

LOUI LYTONS.

Não ha absurdo que não tenha sido ensinado por algum philosopho.

CICERO.



LAURENS JANSZON COSTER

E A INVENÇÃO DA TYPOGRAPHIA

VI

De menos importância que o *Speculum* pelo que respeita á parte artística, mas dignos de profunda analyse pelo seu character de incunabulo, apresentam-se ao exame do investigador os *Donatus* hollandezes, os quaes ainda que na sua maioria sejam totalmente xylographicos, e por tal motivo sem valor para o estudo a que nos propuzemos, offerecem ainda assim um certo interesse, por se ter reconhecido n'alguns d'elles indubitaveis vestigios do emprego de caracteres moveis, embora de execução muito imperfeita e em numero muito restricto.

Não serão os *Donatus* os precusores do *Speculum*?

Não se pôde precisar bem a data em que foram impressos, mas tudo leva a crer que são da primeira parte do seculo xv, e que a introdução de letras moveis, que se encontram em algumas edições, revelam indício irrecusavel de uma certa transformação que se ia operando lentamente, talvez como simples experiencia, ou tentativa, e que parece ter sido levada a effeito na impressão do *Speculum*.

Ouçamos a este respeito um dos proprios discipulos de Gutenberg, cujo testemunho, por esse facto, é de todo o ponto insuspeito.

Ulrich Zell, da escola de Moguncia, que foi o primeiro impressor na cidade de Colonia, fallando acerca da invenção da imprensa, diz-nos o seguinte, pela bôca do redactor da *Chronica*, que se publicavam n'essa cidade, onde o proprio Zell habitava:

«Bem que esta arte fosse inventada em Moguncia da maneira por que está geralmente em uso, contudo o seu primeiro ensaio foi realisado na Hollanda, nos *Donatus*, que foram impressos antes, e d'esses *Donatus* data o começo da sobredita arte!»

Estas palavras, que os partidarios de Gutenberg dizem ter referencia apenas aos *Donatus* xylographicos, podem igualmente applicar-se, sem esforço, áquelles em que já se encontram os typos moveis, bem que grosseiros, e que se acham disseminados por diversos archivios e bibliothecas, em fragmentos impressos de um só lado, havendo apenas conhecimento de um exemplar completo opisthographico, em que alguns dos typos moveis são tão iguaes aos do *Speculum*, que, se não são os mesmos, serviram pelo menos de modelo para a sua confecção.

Mariangelus Accursius, um dos mais celebres criticos italianos, que viveu ahi pelos annos de 1500 a 1540, n'uma nota que foi conservada por Angelo Rocha, e que os adversarios de Haarlem nunca deixam de invocar para destruir a informação de Zell, confirma pelo contrario este testemunho, no que elle tem de mais importante, isto é, em attribuir á Hollanda os primeiros *Donatus*, xylographicos ou não.

Prestando homenagem a Faust e a Scheffer, de Moguncia, diz:—«*Impressus autem est hic Donatus et Confessionalia primum omnium anno 1450. Admo-*

nitus certe fuit ex *Donato* Hollandiae prius impresso in tabula incisa».

Se no começo do seculo xvi se admittia na Italia, bem como na Allemanha, que os *Donatus* tinham dado a primeira idéa sobre o modo mais aperfeiçoado de imprimir aos celebres typographos de Moguncia, e que nos *Donatus* se encontravam já caracteres moveis, não pôde deixar de conhecer-se que basta este facto para estabelecer a quasi certeza da prioridade da Hollanda na invenção da imprensa, e que portanto a sua causa merece ser discutida com mais calma e imparcialidade do que a que até hoje tem mostrado os seus adversarios.

Assente pois que foi na Hollanda que se fizeram as primeiras tentativas para empregar os typos moveis, resta-nos saber qual foi a cidade que teve a gloria de servir de berço ao sublime invento, bem como conhecer o homem que o realisou.

Já vimos que Junius nos diz que foi em Haarlem que se imprimiu o *Speculum*, sendo o seu impressor Laurens Janszon Coster; ouçâmos agora o depoimento de um outro escriptor:

Dierick Coornhert, pensionista de Haarlem, vertendo para hollandez o tratado de *Officiis* de Cicero, em 1561, diz na sua dedicatória ao burgomestre e aos conselheiros de Haarlem:

«Muitas vezes me tem sido dito por pessoas em quem deposito plena confiança, que a tão util arte da typographia foi primitivamente descoberta n'esta cidade de Haarlem, ainda que de um modo em extremo grosseiro; e como é mais facil aperçoar o que inventar o que todos ignoram, a arte, tendo sido transportada para Moguncia, por intermedio de um creado infiel, ahi foi rapidamente melhorada.»

«Eu não ignoro que a fama de Moguncia se deve á imperdoavel negligencia de nossos avós, e que essa fama tem lançado tão fundas raizes, que nenhuma rasão, por mais evidente, por mais forte e invencivel que seja, a poderá hoje desarraigir. Mas porque a verdadeira origem é apenas conhecida de poucos, a verdade não pôde cessar de ser verdade. Alem d'isso esta opinião é para mim de uma certeza e evidencia completa, apoiada, como é, sobre o testemunho de velhos respeitaveis e verdadeiramente dignos de fé, que não só me fizeram conhecer a familia do prototypographo, mas muitas vezes me citaram o seu nome e appellido, descrevendo-me o seu methodo grosseiro de imprimir, e me mostraram a dedo a casa que elle habitava!»

¹ Cicero, *over der pligten*. Haarlem, 1561.

PEDRO FREITAS.

Deus não é nem a eternidade nem o infinito; não é a duração nem o espaço, mas dura e está presente.

NEWTON.

O homem esconde muitas vezes a toda a gente á sua propria consciencia os motivos do seu proceder até.

SCHOPENHAUER.

Que as vossas frentes se inclinem sobre a fria lousa, só as acções dos justos florecem com um doce perfume entre a poeira da terra.

SHIRLEY.

¹ Cronica van der Hilliger stat van Coellen, fl. 31 v.—Cöln, J. Koelhof, 1499.

HISTORIA DE UM MARÇANO

(Continuado)

O administrador dos seus bens não raro se agastava com o que, no seu rude bom senso de burguez pratico, chamava verdadeiros desperdícios, e trazia-lhe sempre suspensa sobre a cabeça a ameaça de uma ruína proxima. As vezes mesmo, quando via o fidalgo mais expansivo, procurava convencel-o de que o que elle fazia era alentar mandriões e sustentar parasitas — que lhe dariam bom pago; — e ia até ao extremo de se contrapor a certos desejos do amo, que classificava de despropositos; mas de ordinario o fidalgo insistia n'elles, e uma ou outra vez fazia-lhe sentir a sua auctoridade, simplesmente olhando-o de tal modo, que o administrador subscrevia a tudo.

Tal havia sido, por exemplo, o caso com o pae de D. Felicidade. Começara a interessar-se por esse rapaz meio enfezado e tristonho, que viera como caixeiro para o estabelecimento defronte, uma loja de bebidas — como então lhes chamavam ainda, e que tambem vendia tabaco, e elle que não fumava, e que podia beber a sua genebra em casa, habituára-se a entrar lá todas as noites, quando recolhida, e a beber o seu marufo, como elle dizia, sorrindo, e em certas occasiões quedava-se a conversar attentamente com o rapazito — como se fosse elle um seu igual, enquanto um ou outro freguez escadelecia a um canto. E assim veio a saber a sua historia, o seu sonho e as suas esperanças; e assim lhe veio a lembrança original de fazer a felicidade d'esse rapaz. Uma noite contou á filha casada, que vivia com elle, esse caso que se lhe afigurou curioso; e quando acabou, disse para os dois que o haviam estado escutando:

— Ora, pois, imaginem vocês o que eu tenho andado a ruminar. Lembrou-me de ver se era capaz de fazer a fortuna d'esse João-ninguem.

— Tomando-o como creado cá para casa? inquiriu a sr.^a condessa, que dizia ser essa a verdadeira felicidade para um desgraçado — ir servir para o palacio?!

— Qual creado, redargiu o fidalgo a rir, patrão, e logista estabelecido. Pois porque não? O ideal do rapaz era ter uma confeitaria, pelos modos a mãe aprendeu n'um convento a fazer diversas gulozeimas, e o rapaz em pequeno, de tanto vel-as fazer á mãe, ficou sabendo, e metteu-se-lhe a mania de vir uma vez a ser confeitoiro, ou cousa parecida. Nós poderíamos dar-lhe o segredo das coisas cá da copa, e ao mesmo tempo eu satisfazia um gostinho meu muito particular e muito antigo: mostrava a esses Joões-ninguens da marmelada — era assim que o fidalgo alcunhava em geral os conserveiros — o que é pôr uma loja em termos, e fazer negocio decente. Sempre quereria ver se era capaz de tirar algum do nada.

E o fidalgo regosijava-se todo com aquella ambição intima de produzir a felicidade de um pobre diabo. No fundo, talvez tambem houvesse n'esse desejo alguma cousa de egoista, um como que orgulho atavico de grande senhor, desejando que todos lhe devessem o sol e o bom tempo, e inconscientemente, obedecendo acaso ás mysteriosas influências do sangue, bem poderia succeder que esse seu bizarro e ca-

valheiresco acto tivesse uns certos laivos de antigas pretensões de raça... Mas se assim era, moralmente o fidalgo não dava por tal, e esse, como outros actos que praticava, suggeria-lh'os sempre a ternura piedosa e doce que sentia por todos os fracos, por todos os desprotegidos... Fazia bem por necessidade, por prazer e por sympathia... De fórma que a umas objecções da filha e do genro respondeu já com o ar decisivo de quem havia tomado uma resolução, e com effeito no dia immediato deu essa nova de chofre ao rapaz que, como de costume, lhe estava enchendo de genebra o seu calice, e que com esta inesperada ventura quasi ia largando a botija.

E quando o caixeiro, commovido e lagrimejante, lhe agarrava a mão n'um impulso que não podera conter, beijando-lh'a, como se o fidalgo fosse seu libertador — ou seu pae, e lhe dizia com a voz meio sumida: — V. Ex.^a foi a Providencia que me appareceu, alguma vez no rosto d'esse velho que tantos desgostos tinham entenebrecido, brilhar momentaneamente uma alegria indefinivel e vivificadora, que lhe deu um brilho desusado ao olhar, e d'ali a minutos contava elle em casa que o seu protegido podia ser ingrato á vontade, porque já estava pago da meia duzia de moedas que com elle gastaria. — A força de alegria quasi que tambem o havia feito chorar o diacho do rapaz! — E referia as minudencias da declaração e do offerecimento que lhe fizera.

Em poucos dias tinha ultimado o negocio, e seis mezes depois o pae de D. Felicidade abria o seu estabelecimento. Volvidos mais seis casava — circumstancia curiosa — com a filha do administrador do fidalgo, e passados tempos este era submissamente solicitado para padrinho da primeira e unica filha que em toda a sua vida conjugal lhe deu a esposa.

Como esclarecimento incidental, pôde acrescentar-se que nunca esqueceu o fidalgo, e que até espontaneamente se impoz a obrigação de lhe enviar todos os dias uma gulozeima qualquer, especie de fóro que aquelle a principio não queria acceitar, mas a que foi forçado pelos rogos e quasi pelas lagrimas do seu agradecido devedor.

De tudo isso D. Felicidade se recordava, e, mais do que tudo, do que o pae havia soffrido e do que continuaria a soffrir, se o bom Deus não se houvesse encarnado um dia na pessoa d'esse benemerito e venerando bemeitor...

Veiu-lhe pois um bom impulso de, no que lhe fosse possivel, ser para o Thomé o que o fidalgo havia sido para seu pae — e n'aquelle momento, solememente jurou a si propria que haveria de salvar o desprotegido rapaz — até mesmo contra a vontade do esposo.

(Continúa.)

CHRONICAS VULGARES

NOTAS PARDAS

Eis-me de novo aqui, leitora amavel, depois do meu forçado silencio — forçado, ai de mim, por eventos de toda a ordem — em quanto concertos, livros, exposições, mil cousas varias emfim, se iam succedendo n'este *paiz do mar*, sem que eu houvesse — com tristeza o digo — podido saudal-as sequer, na incessante successão das cousas...

Como, porém, não poderia pagar tanta divida, e o meu amigo Ephrusi, de Paris, envolvido como agora se encontra em mil transacções de polpa, não pôde satisfazer-me um pedisito que lhe havia feito, o melhor é considerar fechada a conta an-

tiga — por fallencia minha, é claro, — e abrir conta nova, pelo que não serei compellido a pagar os meus debitos.

Dizem-me que é assim que se faz, e por isso consente, leitora amavel — as leitoras são sempre amáveis — que eu imite o que se faz — ou só fazer-se.

Liquidado, pois, este ponto, entremos em materia. N'este ultimo mez tres factos capitales merecem registro: — os concertos de Rey Colaço, a exposição de Thomás Costa, a exposição do grupo do Leão.

Comecemos pelo Rey. *A tout seigneur tout honneur*. Demais, tratando-se de monarchas, já pelo nome, apesar de orthographado á antiga, e a seguir na arte, tanto antiga como moderna, é um simples dever que pratico o principiar por elle.

Não creio, porém, que seja preciso descrever aqui essa original e poderosa individualidade tão sympathica e tão insinuante. Quem não conhece já hoje Rey Colaço? Quem não o ouviu ao menos uma vez? Se alguém existe, que esse alguém se penitencie pela fórma mais suave que eu lhe posso n'este momento proporcionar, — indo ao concerto de 11 de janeiro. Porque, se o não fizer, deve irremissivelmente ser riscado do numero dos portuguezes.

Com effeito, Rey Colaço é, com mais algumas outras cousas e pessoas, o que hoje nos resta da velha patria dos Gamas, dos Castros e dos Albuquerquees, fortes e fracos.

Que elle me perdoe a comparação — mas por si só representa uma instituição, uma gloria e um monumento nacionaes.

Num certo ponto é o igual de Camillo, e de João de Deus, do patrão Joaquim Lopes, do Castello da Pena, dos Jeronymos, e do authentic e generoso vinho do Porto. Expliquemo-nos.

Camillo é hoje a mais caracteristica e a mais pujante concentração da litteratura portugueza. Gigante que maior parece quanto de mais longe o olhámos, e que mais nos asombra quanto mais o conhecemos de perto, elle symbolisa hoje toda uma fórma da arte portugueza na sua expressão escripta, d'estes ultimos vinte annos.

João de Deus é a synthese subjectiva do lyrismo nacional, que, vindo de Camões com escala por Garrett, parou um momento na alma sonhadora e limpida d'este imitativo poeta.

O patrão Joaquim Lopes — que tanta gente equilibrada vae espantar-se de ver figurar aqui entre artistas — é a expressão mais crystallina e mais luminosa da flor esthetica da tem aridez e da abnegação portuguezas, mostrando aos seus degenerados descendentes que bellos typos eram esses que escreviam nos tempos idos a *Historia tragico-maritima*, e por si só symbolisa toda uma instituição humanitaria de barcos salva-vidas, de protecção e de valor nacional e civico...

O vinho do Porto... o verdadeiro, sabem o que elle é, que heroismos fecunda, que maravilhas opera, — sobretudo os inglezes amigos, que por o beberem é que conseguiram a hegemonia que destructam...

O castello da Pena e os Jeronymos são as duas bellas cousas que os estrangeiros vem ver em Lisboa, e pelas quaes alguns d'elles nos conhecem lá fóra...

Resta-nos Rey Colaço, que é a expressão musical da nossa arte n'estes ultimos annos.

Em verdade, os bellos e delicados espiritos de criticos não nacionaes que têm ouvido este nosso gloriosissimo e — parece impossivel — modestissimo amigo, são unanimes em considerar uma honra insigne para o paiz o poder-se permittir o luxo de conservar na sua capital um artista d'este qualite, e isto corrobora, portanto, a nossa comparação, e explica a aproximação que eu fiz aqui do castello da Pena com o nome do pianista. (Não ponho adjectivo algum a preceder este substantivo pianista, porque os illustres, gloriosos, distinctos e celebres andam já tão gafados do uso illicito que têm tido, que á minha de outros e querendo referir-me a quem os merece todos, o melhor é não lhe pôr nenhum.)

Um inglez de altos espiritos, que ouviu na segunda *matinée* do nosso Rey Colaço, dizia ao pé de mim, na sua linguagem expressiva de observador, que decididamente era uma das *best things* que havia visto.

E a vizinha do lado, uma ingleza alta e elegante, murmurou um *yes* tão convincto, que eu logo vi que pensava o mesmo...

Por mim nada pude objectar-lhes; somente não gostei de que chamassem *cousa* a Colaço; — no mais, com alguns acrescentamentos, achei que era correcto o juizo dos filhos do Reino Unido.

Com effeito, quem executa com aquella limpidez ideal e paradisíaca com que Colaço o fez, o segundo quartetto em lá menor de Mendelssohn, o trio de Haydn, o quartetto em sol menor de Brahms, e mais o trio de Beethoven e o quartetto de

Schumann, e tudo, tudo, que elle tocou, não só é em toda a parte uma gloria incontestada, mas é de certo modo um como que titulo effectivo e authentic da existencia de um paiz...

Por vezes os seus dedos, passando ligeiros no piano, arrancavam d'elle uma como que doce e volátil essencia de infavel belleza e de intangível poesia, e a gente *via* ir-lhe ascendendo a alma, ascendendo, ascendendo sempre, até algum oasis celeste onde se sentia, *não se sentindo*, e se vivia, *não se vivendo*, alguma cousa emfim de incorporeo, de ethereo, de indefinível, que não se poderia fixar, e que deve ser acaso a vibrante fugidia e aligeira da Eterna Inspiração e do Eterno Sonho...

Nesta nossa vida moderna, tão repassada de semsaboria e de vulgaridade, tão mordida de tristeza, e tão vasia de ideal, quando nem a religião, nem a sciencia, nem os jogos publicos, nem um forte sentimento colectivo nos congregam para qualquer cousa de fecundante ou de alto, ouvir musica d'essa, e assim *restaurada* e comprehendida, é purificar o espirito de todos os contactos limosos e grosseiros em que o trazemos immerso, e esse banho de poesia e de arte representa para nós uma lavagem de luz tão indispensavel e tão hygienica, como a lavagem do corpo...

Quando somos tantos já os que não vamos á missa, que ao menos — com o respeito devido — vamos a essa outra missa espiritual do seculo, especie de communhão com os grandes espiritos que o Genio sagrou para sempre; e pois que o governo subsidia o culto dos crentes, que elle subsidie tambem este outro culto, onde ao menos devem concorrer os que não tiverem ou ro...

Em Londres e em Paris ha aos domingos mais do que uma sala de concertos onde a multidão vae aquecer a alma; que haja ao menos uma em Lisboa, onde todos possam alguns instantes tornar-se, se não melhores pela audição dos bellos trechos immortaes por onde palpita esparsa a grande alma illimitada da Suprema Verdade, quando muito um poucochinho mais espirituales e até, quando poder ser, mais espirotuosos...

E preciso conter a materia nos seus limites naturaes, e o mundo hoje, e sobretudo Lisboa, para só fallar de nós, vae-se tornando a certos aspectos material em extremo. Rimos de tudo, não cremos em nada, e a nunca por demais citada *chacota* nacional nem já respeta as crencas alheias, visto que tão desgraçada ou imbecil a tornaram, que as não tem suas...

Ora é preciso combater este mal, e foi este serviço que Rey Colaço nos prestou n'essas tres *matinées*, que devem marcar um momento de suspensão na historia da nossa decadencia ideal, e esse têm de lh'o agradecer quantos tiveram a inestimavel satisfacção de o ouvir.

Poderia, desde que não tenho já espaço para fallar de outros assumptos, citar-lhes ainda dois numeros que o eminente pianista (lá foi um adjectivo, que remedio!) executou n'uma certa casa de Lisboa, que é um verdadeiro templo de arte, onde ainda hoje se faz isto que tão raro vae sendo: — viver para as cousas de espirito — e que Rey Colaço deve executar no proximo concerto; mas nem eu tenho competencia, nem permisso para revelar o que a seu tempo todos saberão applaudir...

Que Rey Colaço me perdoe a indiscrição, e já não é pouco. Ah! Esquecia-me pedir-lhe licença para juntar tambem ao seu nome os dos seus conscienciosos e dignos collaboradores, alguns dos quaes o publico já applaude e aprecia ha muito como artistas de raro merito, que são, e de verdadeira e solida educação musical.

E até á nova serie e sobretudo até ao proximo concerto.

RI-MAL.

ORIENTAL

O principe Mahmud espargue no regaço Da rainha Gopá o seu cabelo louro... E ao ver a lua doce e tremula no espaço Pergunta-lhe, estendendo o pequenino braço, De que arvore do céu pende esse fructo d'ouro...

Sorriu Gopá, scismando... O principe sorria, Fechando o puro olhar ás claridades céreas... Entreaberta a boca o principe dormia! Mas sua mãe Gopá beijava-l'ha, e sabia De que arvore d'amor é que nascem as perolas...

JOÃO SARAIVA.